



RESIDÊNCIAS PAULISTANAS DE QUATRO PILARES NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Palavras-Chave: ARQUITETURA MODERNA, ESCOLA PAULISTA, QUATRO PILARES

Autores:

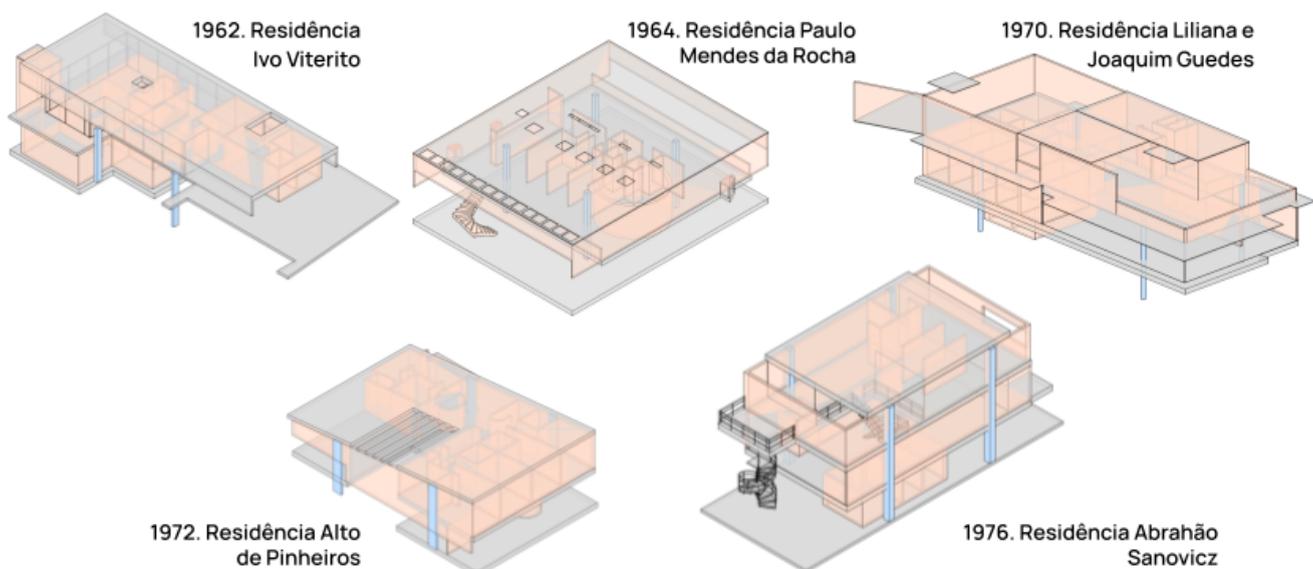
ROBERTA AVELINO RIBEIRO, FECFAU – UNICAMP

Prof. Dr. RAFAEL AUGUSTO URANO C. FRAJNDLICH (orientador), FECFAU – UNICAMP

INTRODUÇÃO

A arquitetura moderna paulista atingiu seu auge nos anos de 1960 e 1970, um período que apesar de conturbado politicamente, foi de grande crescimento econômico, permitindo aos arquitetos de São Paulo criarem seu laboratório experimental dentro das residências paulistanas. Essas casas podem ser vistas como um experimento para o que desejavam na sua cidade e país. São espaços marcados como modelos de boas soluções, havendo repetição de elementos e decisões arquitetônicas em diversas residências.

Esta pesquisa buscou analisar residências unifamiliares projetadas e construídas na cidade de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970, com a característica principal de estarem apoiadas sobre quatro pilares. Como objeto de estudo foram selecionadas 5 casas, dentre as mais de 30 levantadas, sendo essas algumas dos exemplos mais icônicos do período.



Assim, buscou-se contribuir para a compreensão dos motivos que levaram tantos arquitetos a adotarem esse partido arquitetônico, e também divulgar esse “modelo” de arquitetura paulista que até hoje pode ser encontrado nos projetos residenciais.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo geral deste projeto foi a busca por elucidar as residências de quatro pilares projetadas e construídas durante os anos de 1960 e 1970, por arquitetos classificados da Escola Paulista, como forma de contribuir para a compreensão dessas casas com estrutura mínima racional, sendo uma tendência de projeto em São Paulo. Assim, pretende-se divulgar e contribuir com a bibliografia do estudo de projetos de arquitetura, mais especificamente do recorte escolhido para a pesquisa.

A metodologia aplicada nesta de pesquisa é de natureza teórica e prática que foi composta por 5 etapas, sendo: [1] revisão da literatura para expansão do repertório de residências; [2] estudo da arquitetura e estrutura das residências selecionadas, com foco na forma como esses elementos interagem com o programa do referidos projetos; [3] organização das informações coletadas para classificação das informações e análise dos programas; [4] estudo a partir de experimentação prática, através da produção de modelos tridimensionais das residências selecionada, no software Revit; [5] estruturação e divulgação científica dos resultados obtidos com a pesquisa.

Durante a pesquisa foram levantadas 32 casas que se encaixavam no recorte proposto, residências unifamiliares, projetadas e construídas na cidade de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970 e estruturadas por 4 pilares. A partir de então surgiu a necessidade de reduzir a quantidade de casas analisadas para que fosse possível fazer uma análise mais profunda evitando um resultado final superficial. No quadro 1 está a relação das residências encontradas, e em destaque as cinco residências que foram selecionadas para esta pesquisa.

A seleção das casas foi feita com base nas seguintes classificações: a organização espacial dos pilares, os sistemas estruturais principais, o tipo de cobertura, e forma que a casa se relaciona com o entorno a partir de empenas cegas. Foram critérios agrupados de forma que seja possível mostrar as diferenças que tornam cada casa única, mas também as similaridades e o padrão que tornam esse momento e as escolhas de projeto desses arquitetos mais que um movimento, uma escola.

ano	nome da residência	arquitetos
1958	Residência Cunha Lima	Joaquim Guedes
1959	Residência Taques Bittencourt 2	Carlos Cascaldi, Vilanova Artigas
1961	Residência Boris Fausto	Sérgio Ferro
1961	Residência Costa Neto	Joaquim Guedes
1962	Residência Ivo Viterito	Carlos Cascaldi, Vilanova Artigas
1962	Residência Antônio D'Elboux	Carlos Barjas Millan
1963	Residência Francisco Malta Cardoso	João de Gennaro, Paulo Mendes da Rocha
1964	Residência Paulo Mendes da Rocha	João de Gennaro, Paulo Mendes da Rocha
1964	Residência Luiz Gonzaga Cruz Secco	João de Gennaro, Paulo Mendes da Rocha
1964	Residência Cleomenes Dias Batista	Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre
1966	Residência Manoel Mendes André	Carlos Cascaldi, Vilanova Artigas
1967	Residência Sergio Mauro Giorgi	Siegbert Zanettini
1967	Residência Elza Berquó	Carlos Cascaldi, Vilanova Artigas
1968	Residência Telmo Porto	Vilanova Artigas
1968	Residência Mario Masetti	João de Gennaro, Paulo Mendes da Rocha
1968	Residência Nilton Schor	Israel Sancowski, Jerônimo Bonilha Esteves
1968	Residência no Morumbi	Paulo Bastos
1970	Residência Vila Olímpia	Paulo Bastos

1970	Residência Ítalo Lorenzzi	Francisco Petracco
1970	Residência Liliana e Joaquim Guedes	Joaquim Guedes
1971	Residência Arthur Affonso de Souza	Paulo Bastos
1971	Casa Janne Ottoni	David Ottoni, Dácio Ottoni
1972	Residência Alto de Pinheiros	Paulo Bastos
1972	Residência Juvenal Juvêncio	Vilanova Artigas
1973	Casa Marcelo Nitsche 2	Paulo Mendes da Rocha
1973	Residência Kurt Wissmann	Pedro Paulo de Mello Saraiva, Sergio Fischer, Henrique Cambiaghi
1974	Residência Antonio Teófilo de Andrade Orth	Decio Tozzi
1974	Casa Edgar Gonçalves Dente	Edgar Gonçalves Dente
1975	Residência Celeste - Jorge Flaks	Nadir Cury Mezznerani
1975	Casa Veronezzi	Israel Sancowski, Jerônimo Bonilha Esteves
1976	Residência Abrahão Sanovicz	Abrahão Sanovicz
1977	Casa R.O.N.	Pedro Paulo de Mello Saraiva, Sergio Fischer, Henrique Cambiaghi

quadro 1 - residências paulistanas de quatro pilares nos anos de 1958 a 1970s. fonte: elaborado pela autora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil pós segunda guerra vivenciou dois grandes movimentos arquitetônicos, que ficaram conhecidos como Escola Carioca e Escola Paulista, o primeiro teve mais força nas décadas de 40 e 50, fortalecida pelos arquitetos formados e formadores da Faculdade Nacional de Arquitetura nesse período; enquanto o segundo teve início nos anos 50 e seu auge na década de 60, se estendendo até 1970, composto pelos arquitetos atuantes em São Paulo, a qual alguns autores definem como brutalistas paulistas (ZEIN, 2005).

A Escola Carioca era adepta da valorização da forma, criando espaços específicos para um determinado uso. Para os arquitetos desse movimento, os projetos não visavam solucionar os problemas do país, mas sim, responder aos desejos de uma clientela. Enquanto os arquitetos da Escola Paulista lutavam para expressar um ideal através da arquitetura, os cariocas estimularam o conforto e o requinte, fazendo com que apesar de parte do mesmo movimento, essas duas vertentes tivessem suas particularidades bem definidas.

Os anos de 1960 e 1970 foram de grande demanda por projetos residenciais, nesse cenário os arquitetos paulistas viram a oportunidade de experimentação, e fizeram das casas seus laboratórios, já que a escala reduzida permitia esse maior controle. Uma característica comum aos projetos residenciais, e destaque desse artigo, é o uso de apenas quatro pilares na estrutura dessas casas. Como dito, a arquitetura paulista esboçava o desejo de fazer bom uso das tecnologias construtivas existentes, além de suprimir os adornos e reduzir a quantidade de apoios. “A característica de minimização dos pontos de apoio das residências transforma o sistema estrutural no elemento mais significativo do projeto” (SILVA, 2019, p. 36).

Como pontuado por Vilanova Artigas em seu ensaio “Uma Falsa Crise” (1965), uma característica de muito destaque para a consolidação de um modelo arquitetônico paulista foi a tecnologia da construção, a industrialização era um alvo do pensamento nacional-desenvolvimentista do período. Por todo o Brasil aumentava o uso de pré-moldados e ensaios com pré-fabricados. Os sistemas construtivos foram monopolizados pelo uso do concreto

armado, material de alta disponibilidade no mercado, de certa tradição, com grandes referências nacionais e internacionais.

Com base nos ideários que guiavam os arquitetos do período e pelas suas escolhas arquitetônicas muitos podem classificar a Arquitetura Paulista como Brutalista. Não podemos negar a influência que esse movimento teve sobre a produção do momento, mas definir toda a diversidade da arquitetura com soluções inovadoras e regionalistas ao "brutalismo", seria negar todas as demais influências que esses arquitetos receberam. Além de fazer uma comparação imprópria do uso do concreto armado, de um lado foi a escolha dos arquitetos britânicos pela austeridade, do outro o uso feito pelos arquitetos brasileiros sendo sua tecnologia mais avançada de construção civil.

Vilanova Artigas foi como um mestre de uma geração, os que vieram a seguir expandiram o modelo da arquitetura paulista, seja como teóricos ou como praticantes. Um modelo que quando falamos de arquitetura residencial, era limitado pelo lote urbano tradicional, as casas fechavam-se com empenas cegas voltando-se para dentro em volumes monoblocos, por isso os interiores eram sempre abertos, muitas vezes com a presença de elementos verdes e naturais, com ambientes interligados, valorizando os espaços coletivos e compactando os privados, buscando enriquecer o contato familiar e com a natureza.

ano	nome	arquitetos	área do terreno (m ²)	área construída (m ²)	andares	vão entre pilares (m)	balanço trans. (m)	balanço long. (m)	elementos arquitetônicos e estruturais			
									pilares	tipo de estrutura	tipo de cobertura	empenas cegas
1962	Residência Ivo Viterito	Carlos Cascaldi, Vilanova Artigas	356	195,8	2	7 x 8	-	7	periféricos	laje nervurada com 2 vigas-empenas de concreto	plana com lambrequim	-
1964	Residência Paulo Mendes da Rocha	João de Gennaro, Paulo Mendes da Rocha	760	573	2	8,5 x 8	3,5	5,5	centrais em destaque	laje em concreto armado com 2 vigas principais e 16 nervuras transversais	plana com grande balanço e clarabóias	fachadas nordeste e sudoeste
1970	Residência Liliansa e Joaquim Guedes	Joaquim Guedes	2000	911	3	9,7 x 16,8	0,70	5	recuados do perímetro	laje maciça sobre 2 vigas principais, 4 vigas secundárias e 10 vigas transversais secundárias	plana com grande beiral	-
1972	Residência Alto de Pinheiros	Paulo Bastos	648	325	3 (meio níveis)	9 x 12	-	4	periféricos	laje nervurada com 2 vigas-parede	inclinada com pergolado	fachada sudeste
1976	Residência Abrahão Sanovicz	Abrahão Sanovicz	456	250	2	8 x 8	-	5,5	periféricos	laje de caixão perdido com paredes portantes	plana com iluminação zenital	fachadas leste e oeste

quadro 2 - síntese comparativa das residências analisadas. fonte: elaborado pela autora.

O quadro 2 permite comparar com mais facilidade os pontos em comum e as diferenças nas soluções adotadas pelos arquitetos, em suas decisões arquitetônicas e estruturais. Os pilares em todas as casas estudadas são de concreto armado, mudando apenas a organização espacial, a maioria se encontram no limite da construção no sentido transversal, outros tem pequenos recuos, e poucos são posicionais como centrais, assim todos apresentam balanços no sentido longitudinal, de 4 a 7 metros, enquanto os vãos entre pilares chegam a mais de 16 metros, a depender do restante da estrutura.

Alguns sistemas estruturais foram compostos de pilar, viga e laje maciça, outros optaram pelo uso de vigas principais e secundárias, e ainda encontramos alguns casos com uso de laje nervurada e caixão perdido com paredes portantes. Percebe-se que há muitas possibilidades

estruturais e técnicas que permitem a estruturação de uma casa de quatro pilares, mas a produção arquitetônica de uma residência é muito mais que apenas a sua estrutura, é a relação criada entre o espaço e seus moradores, é a estética, a funcionalidade, o conforto e aconchego de um lar. E os arquitetos paulistas foram capazes de unir a técnica com a arte e a ética e criar obras que realmente são referências até os dias de hoje.

CONCLUSÕES

Nos casos estudados observamos formas simples mas de soluções inteligentes, com a valorização da arquitetura pela estrutura, pelo uso dos materiais em seu estado natural, como no uso da estrutura exposta e do concreto armado aparente. “A arquitetura de São Paulo dos anos 60 deu ênfase ao espaço e não à forma, ao projeto social e não ao caráter simbólico através de algumas normas” (ACAYABA, 2011, p. 155).

A casa foi racionalizada como um produto industrial, após definida a estrutura os demais componentes eram adicionados ao projeto. As estruturas aparentes e ambientes definidos por divisórias ou simplesmente pelo mobiliário, externamente os volumes eram semelhantes, mas internamente ofereciam um novo tipo de riqueza espacial.

A partir dessa reflexão foi possível perceber as repetições de soluções e decisões, sejam em pontos estruturais ou de programa, que o grupo de arquitetos paulistas, mesmo não se considerando um movimento, seguiam em seus projetos um modelo arquitetônico paulista. “A identidade paulista, portanto, não se encontra somente na similaridade formal que obras de alguns arquitetos podem compartilhar, mas de pressupostos iniciais comuns que geraram respostas distintas” (SEGAWA, 1998, p. 148).

A Arquitetura Paulista não era definida por uma cartilha a ser seguida, ou um mestre para orientar, mas sim movida por um ideal comum aos arquitetos do período. Buscando criar uma arquitetura social, igualitária e ética, as soluções arquitetônicas encontradas não tinham nada a esconder. A escolha do uso de quatro pilares veio como resultado de um “minimalismo estrutural racional” (SILVA, 2019), a busca de uma estética justificada pela ética, usufruindo ao máximo das tecnologias estruturais e arquitetônicas.

BIBLIOGRAFIA

ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo: 1947 - 1975**. São Paulo: Romano Guerra, 2011.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. Uma falsa crise. **ACRÓPOLE**. São Paulo, n. 319, jul. 1965, p. 21-22.

SANVITTO, M. L. A. **Brutalismo Paulista: uma análise compositiva de residências paulistanas entre 1957 e 1972**. Dissertação - UFRGS. Porto Alegre, p. 257. 1994.

SEGAWA, Hugo. **Arquitetura no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SILVA, Máira Baltrusch Martins. **As residências com quatro pilares na arquitetura paulista 1958-2011**. Dissertação - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. p. 171. 2019.

ZEIN, R. V. **A arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953 - 1973**. Tese - UFRGS. São Paulo e Porto Alegre, p. 197. 2005.